



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## ORIENTAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS: UMA INVESTIGAÇÃO COM PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Francisca Marina Pereira Rolim; Byanca Eugênia Duarte da Silva; Francisca Máisa Maciel  
Gomes; Bruna Eugênia Duarte Silva; Maria Aparecida F. Menezes Suassuna.

*Faculdade Santa Maria- FSM. [Mayza\\_maciel@hotmail.com](mailto:Mayza_maciel@hotmail.com)*

### Resumo

A escola é um espaço onde se compartilha a diversidade humana em todas suas formas, evidenciando a necessidade do sistema educacional estar preparado para lidar com a pluralidade, mostrando que cada ser humano é único em sua história e possuem particularidades e singularidades que precisam ser acolhidas e respeitadas. Dessa forma, esta produção objetiva verificar o nível de conhecimento dos docentes de uma escola pública do Ensino Fundamental II acerca da importância de trabalhar a sexualidade e orientação sexual no contexto escolar. A fim de contribuir com uma maior conscientização em relação à temática da sexualidade. A pesquisa é de ordem quantitativa e qualitativa, utilizou-se como instrumento para coleta de dados o Formulário de Registro de Informações sobre Sexualidade Infantil e Orientação Sexual (FRISIOR), após algumas modificações para adequação com o objetivo proposto, aplicando aos professores de uma escola situada no sertão paraibano. Com a análise dos dados, verificou-se que das 16 questões propostas há prevalência de 11 questões consideradas corretas. O índice satisfatório nas respostas dos professores evidencia um conhecimento na área, porém, destaca-se que há baixa aplicabilidade desses saberes no cotidiano escolar, como aponta a resposta de algumas afirmativas. Dessa forma, sugere-se que haja uma formação continuada para os docentes, preenchendo esta lacuna, através de estratégias e ações que deem suporte para a prática em sala de aula.

**Palavras-chaves:** Orientação sexual, Docente, Escola.

### Introdução

Na contemporaneidade, a sexualidade apresenta-se como um tema cercado de subjetividade que tem ganhado cada vez mais espaço e discussões, principalmente no que tange o campo educacional. Considerando que, a sexualidade humana é uma extensão que compreendem muitos aspectos do sujeito, tais como: aspectos sociais, psicológicos,



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

religiosos, políticos, éticos e principalmente culturais (SALLA & QUITANA, 2002). Torna-se muitas vezes um desafio para os educadores a orientação sexual nas escolas.

De acordo com Aquino e Martelli (2012) a escola é um espaço onde se compartilha a diversidade humana em todas suas formas, evidenciando a necessidade da intuição estar preparada para lidar com essa pluralidade, mostrando que cada ser humano é único em sua história e possuem particularidade e singularidade que precisam ser acolhida e respeitada.

As transições e transformações que acontecem na adolescência são importantes para o indivíduo, essas novas descobertas causam curiosidade e necessidade de se discutir e entender sobre elas, porém percebe-se que os pais muitas vezes evitam falar sobre sexualidade, deixando para escola essa função. Como cita nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001) a família e a Escola são os principais agentes socializadores dos indivíduos, ocupando um espaço importante no desenvolvimento psicossocial, inclusive para lidar com as questões referentes à sexualidade.

Conforme Santana e Benevento (2013) entende-se a sexualidade como fator diretamente ligado ao sexo, o que torna mais difícil a compreensão e a abertura para se falar de tal assunto com os adolescentes, ainda existe um tabu muito grande no que se trata desse assunto e principalmente quando a mesma é relacionada aos jovens, contudo sabe-se que a sexualidade não é o sexo em si, existe uma diferença entre os mesmos. De acordo com Favero (2007):

“Sexualidade é uma característica geral experimentada por todo o ser humano e não necessita de relação exacerbada com o sexo, uma vez que se define pela busca de prazeres, sendo estes não apenas os explicitamente sexuais. Pode-se entender como constituinte de sexualidade, a necessidade de admiração e gosto pelo próprio corpo, por exemplo, o que não necessariamente signifique uma relação narcísica de amor incondicional ao ego”.

A sexualidade ainda é um assunto pouco explorado, tanto com a família como nas escolas, tanto que segundo Saito e Leal (2000) os adolescentes que receberam aulas de orientação sexual, tiveram uma maior incidência no uso de preservativos em sua primeira



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

relação e, ainda, que os jovens consideram a escola como fonte de informação sobre sexualidade, valorizando não só esses conhecimentos como o local onde os receberam.

Como se pode observar os adolescentes que tiveram orientação sexual na escola usavam métodos de prevenção na primeira relação sexual e apontavam a escola como um importante veículo de informação e passavam a valorizar a informação tanto quanto o lugar onde ela foi transmitida, mas existe ainda uma resistência, principalmente por parte da família de se trabalhar a sexualidade nas escolas, porém a escola não pode ausenta-se de seu papel em detrimento a construção sociais da família. Se há entraves por parte da família, a escola pode fazer um trabalho que amplie e contemple a o contexto familiar, mostrando à importância de se trabalhar a sexualidade na escola.

Para Gomes et all (2001) o adolescente não recebe da família informações que relacionada a saúde e, quando tem, essas conhecimentos são muitas vezes limitadas ou passado de forma informal e inadequada, oriundo de diálogos com amigos, de pessoas pouco preparadas para essa função. A maior parte das informações compartilhadas refere-se ao uso de preservativos para prevenção de DST/AIDS; entretanto, o mecanismo de funcionamento do corpo, tais como: à puberdade, maturação sexual, vivências e conflitos decorrentes do crescimento e da sexualidade são pouco abordados.

A sexualidade não costuma ser abordada rotineiramente por parte da família causando uma necessidade dos adolescentes de discutir sobre o assunto e conhecer mais a respeito da sexualidade, o que poderia evitar o medo e o preconceito que existe ao falar a respeito, ocorrendo esse tipo de postura adversa ao assunto. “[...] Como sexo é algo desconhecido no universo do adolescente, este tende a iniciar cada vez mais precocemente a prática de relações sexuais, muitas vezes até mesmo por pressão do grupo social no qual se encontra engajado.” (SOUSA et al., 2006, p. 409).

Neste aspecto as dimensões sociais destacam-se no sentido de partes dos adolescentes não conhecerem o que é e como se dá a sexualidade, muitas vezes acabam por agir por conta de influências de amigos, de grupos, para que possa se inserir no mesmo, algumas vezes desconhecendo totalmente o que vai fazer ou quais as consequências que podem vir acompanhadas de, nesse caso, uma relação sexual.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

“Em nossa sociedade, o tema sexualidade ainda encontra-se cercado de mistério e tabus, o que, cremos, é indício de atraso, pois, dada a relevância do tema, deveria haver clara discussão entre adultos e adolescentes inexperientes. Diante do silêncio em casa, o adolescente tende a procurar informações com outros adolescentes também imaturos, contribuindo, dessa maneira, para a prática do sexo de forma insegura”. (SOUSA et al., 2006, p. 409).

A sexualidade é tema transversal que entrou nas escolas através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ou seja, cabe à comunidade escolar trabalhar de forma efetiva essa temática. De acordo com os PCNs (1998) a Orientação Sexual dentro da escola deve articular-se, também, com a promoção da saúde das crianças, dos adolescentes e dos jovens. Porém observa-se que na prática nem sempre as escolas e professores conseguem desenvolver tal orientação.

Percebe-se que muitas pessoas não se sentem confortáveis e evitam falar sobre sexualidade, seja pela criação repressora que tiveram, aspectos culturais, vergonha ou mesmo falta de informações. Salla e Quitana (2002) apontam que uma das principais barreiras para a aplicabilidade da orientação sexual esteja justamente nas ressignificações simbólico-culturais, nos imaginários dos educadores. De acordo com os PCNs (1998) a escola deve abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir um ponto de auto-referência. Ou seja, a escola é uma instituição formadora, e como tal não pode impor ou estabelecer regras, ela deve fornecer subsídios para que o sujeito possa construir sua concepção, uma vez que ela está diante de várias subjetividades que precisam ser consideradas e respeitadas.

Assim, a escola configura-se como um espaço importante para o desenvolvimento da educação sexual para crianças e adolescentes, com isso a escola deve estar preparada para refletir junto ao aluno sobre esse assunto, motivando-os a valorizar a diversidade, minimizando a discriminação entre os gêneros e principalmente contribuindo para a desmistificação de que sexualidade é sinônimo de sexo. (BRASIL, 2009). Com isso, Jardim e Brêta (2006) citam que o tema sexualidade não deve ser restrito no campo escolar a ciências



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

biológicas, ligada a reprodução humana, como também não pode ser tratada ao nível do senso comum, expondo opiniões superficiais e pessoais.

Como cita Rodrigues e Wechsler (2014) a sexualidade está presente no desenvolvimento físico e psicológico de todos os indivíduos desde o seu nascimento até a morte. Assim, percebe-se que a sexualidade vai além do ato sexual, pois se encontra marcada pela história, cultura, afetos e sentimentos de cada sujeito. Apesar de um grande aporte teórico sobre sexualidade, o assunto é pouco estudado na perspectiva das práticas educativas voltadas para sexualidade no âmbito escolar, pois esta é uma temática cercada de tabus.

Desse modo, a presente produção tem o objetivo de verificar o nível de conhecimento dos docentes de escolas públicas acerca da importância de trabalhar a sexualidade e orientação sexual no contexto escolar. A fim de contribuir com a ampliação dos discursos e reflexões sobre orientação sexual nas escolas, entendendo as crianças e adolescentes serão os futuros adultos, e que esse trabalho pode contribuir em sua saúde e construção pessoa.

### **Metodologia**

A produção caracterizou-se como uma pesquisa bibliográfica a partir de um estudo quantitativo e qualitativo, utilizando como instrumento para coleta de dados uma entrevista estruturada. Participaram da pesquisa 15 professores de uma escola pública de ensino fundamental II de uma cidade do sertão paraibano. Sendo 06 do sexo masculino e 09 do sexo feminino com idade ente 20 e 40 anos.

O instrumento aplicado baseou-se no Formulário de Registro de Informações sobre Sexualidade Infantil e Orientação Sexual, (FRISIOR) dos autores Maia, Farias, Pacini, Júnior e Freitas (2006). O formulário foi adaptado de acordo com os objetivos dessa pesquisa, com seguinte constituição, totalizou 16 afirmativas compostas por conceito de sexo e sexualidade e o papel do Professor no ensino da sexualidade, sendo que 02 destas correspondem ao processo de conhecimento da atuação pratica de cada profissional, de forma que não há a resposta de verdadeiro ou falso em acordo com alguma fundamentação teórica.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A seleção dos professores se deu de forma voluntária, onde utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido entregue aos participantes da pesquisa, de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. A análise dos dados se deu através do SPSS (Versão 19.0).

### **Resultados e Discussões.**

A pesquisa abrangeu todo o quadro de professores de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental II da cidade de Santa Helena, contabilizando 15 docentes de 20 a 40 anos de idade, com prevalência de 53,3% de 26 a 30 anos de idade. O tempo que lecionam varia de 01 a 15 anos, com maior incidência de 06 a 10 anos de carreira. Referente à suas formações acadêmicas são elas: Geografia, Letras, Ciências Biológicas, Matemática, História e Pedagogia. Dos 15 docentes apenas 01 relatou ter tido durante sua formação alguma preparação para trabalhar a temática da sexualidade em sala de aula. Ressalta-se que os resultados que são apontados em negrito refere-se às afirmativas que equivalem a respostas verdadeiras sugeridas pelo formulário.

A primeira pergunta do formulário postula que “a escola como um todo deve encarar a questão da sexualidade e preparar professores para essa função”, **80% dos docentes disseram ser a alternativa verdadeira** e 20% acredita ser falso. A afirmativa constitui-se verdadeira, como cita Aquino e Martelli (2012), no âmbito escolar as manifestações de sexualidade estão presentes, então, cabe a escola e principalmente ao professor dialogar sobre o tema, uma vez que a instituição escolar tem a função de transmitir conhecimentos científicos que colabore com o desenvolvimento integral do indivíduo.

A segunda afirmativa diz que “existem crianças que desenvolvem, precocemente, a sua sexualidade”, 60% dos docentes acredita ser verdadeiro e **40% acredita ser falso**. A afirmativa constitui-se falsa, como coloca Pereira (apud Gallacci, 2005). Não há sexualidade precoce, o que acontece atualmente, é que a erotização adulta está chegando cada vez mais cedo ao público infanto-juvenil, o que provoca uma alteração de seu desenvolvimento normal da descoberta da sexualidade, amadurecendo cada vez mais cedo, destoando da idade cronológica.





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A terceira afirmativa relata que “sexualidade e sexo são sinônimos”, 53,3% dos docentes veem esta afirmativa como verdadeira e **46,7% como falso**. A afirmativa consiste numa alternativa falsa, como coloca Santana e Benevento (2013), sexualidade e sexo são comumente associados erroneamente, por um está ligado ao outro, contudo, sexo atribui-se as características biológicas entre homens e mulheres, já a sexualidade refere-se às práticas erótico-sexuais, bem como toda forma de expressão ligada ao prazer.

A quarta afirmativa coloca que “bebês já expressam sexualidade”, **53,3% dos docentes relatam afirmativa como verdadeira** e 46,7% como falso. A afirmativa é verdade, como evidencia nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), todo ser humano já nasce dotado de sexualidade e a mesma se desenvolve desde os primeiros dias de vida, manifestando-se de acordo com cada momento da vida.

A quinta afirmativa traz “Eu não posso falar sobre sexualidade com meus alunos porque os seus pais podem proibir a escola de tratar a sexualidade”, 20% dos docentes acreditam ser verdadeira e **80% falso**. A afirmativa constitui-se falsa, como cita nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), a orientação sexual é inclusa nos temas transversais a serem trabalhados ao longo de todo ciclo de escolarização do indivíduo, cabendo portanto, também, além dos pais, a escola tratar e refletir sobre a sexualidade.

A sexta afirmativa relata “se eu não tiver preparo para lidar com a sexualidade dos meus alunos devo buscar informações e orientações com outros profissionais para educá-los nessa área também”, **80% diz ser a afirmativa verdadeira** e 20% falsa. A afirmativa é verdadeira e nesse sentido, segundo Cavasin (apud Menezes, 2001), que o professor precisa ouvir a demanda do alunado e trabalha-las do ponto de vista pedagógico, com uma metodologia adequada, contudo se ainda não conseguir tais estratégias é necessário que os encaminhe para alguém capacitado, mas nunca deixem sem resposta.

A sétima afirmativa coloca que “a sexualidade é um processo que sofre influência dos aspectos biológicos, psicológicos e culturais”, **73,3% relata ser verdadeiro** e 26,7% relata ser falso. A afirmativa constitui-se verdadeira como coloca Meira e Santana (2014), que o



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

desenvolvimento da sexualidade se estende a fatores não só biológicos, como a maturação dos órgãos que incide no prazer sexual, mas também aspectos psicológicos, sociais e culturais.

A oitava afirmativa relata que “os pais não devem saber que a escola oferece orientação sexual aos alunos para não interferirem”, 20% dos docentes acreditam ser verdadeiro e **80% falso**. A afirmativa é falsa, pois como coloca Altmann (2001), a entidade familiar é a principal responsável pela educação sexual dos seus filhos.

A nona afirmativa diz que “Eu devo esclarecer de forma ética e respeitosa as dúvidas sobre sexualidade dos meus alunos, independentemente das explicações que os familiares oferecem a eles”, **86,7% diz ser verdadeiro** e 13,3% ser falso. Afirmativa é verdadeira, conforme Nogueira (2014) é de suma importância responder os questionamentos de forma consciente e esclarecedora, abordando as perguntas de ética e respeitando-os, para que não haja alguma ambivalência na resposta.

A décima afirmativa coloca que “eu devo explicar sobre sexualidade aos meus alunos da mesma maneira como explicaria aos meus filhos”, 73,3% acredita ser verdadeiro e **26,7% falso**. A afirmativa é falsa, como novamente coloca Nogueira (2014), é preciso responder aos questionamentos embasados em conceitos fundamentados, sempre palitando de forma ética e cuidadosa, extinguindo qualquer tipo de resposta do “senso comum” ou que tenha conotação de piada ou brincadeira.

A décima primeira afirmativa fala que “é importante trabalhar a sexualidade, pois é um tema trazido com grande frequência pelo alunado em sala de aula”, **66,7% diz ser verdadeiro** e 33,3% diz ser falso. A alternativa é verdadeira, como já citou Aquino e Martelli (2012), quando mencionou que no âmbito escolar as manifestações de sexualidade estão presente, respaldando a importância de se trabalhá-la quando a escola tem a função de transmitir conhecimentos

A décima segunda afirmativa retrata que “trabalhar a sexualidade em sala de aula irá incentivar os alunos a pratica sexual”, 33,3% acredita ser verdadeiro e **66,7% acredita ser falso**. A alternativa é falsa, conforme Abdo (2014), persiste o mito que ao se trabalhar a





## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

educação sexual, há um incentivo aos indivíduos á prática sexual, contudo, não há evidencias científicas que corrobore esse aumento na atividade sexual.

A décima terceira alternativa diz que “trabalhar sexualidade irá contribuir com o processo de desenvolvimento pessoal e social do aluno”, **86,7% diz ser verdadeiro** e 13,3% ser falso. A afirmativa constitui-se verdadeira, quando Aquino e Martelli (2012), colocam que problematizar, ou seja, dialogar, questionar e compreender os aspectos da sexualidade é contributivo para o desenvolvimento humano, justamente por se tratar de algo inerente ao ser humano.

A décima quarta alternativa coloca que “não é função do docente trabalhar sobre a sexualidade com seus alunos”, 33,3% relata ser verdadeiro e **66,7% ser falso**. A alternativa constitui-se falsa, como já cita nos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001), que a orientação sexual é inclusa nos temas transversais a serem trabalhados na escolarização, cabendo portanto a escola problematizar sobre o tema.

A décima quinta alternativa relata que “eu me sinto preparado para trabalhar o tema sexualidade em sala de aula”, 60% diz acredita que sim, verdadeiro e 40% acredita que não, falso. A maioria de 60% dos docentes relataram que sentem preparados para lidar com o tema sexualidade em sala de aula, mesmo que apenas 01 docente tenha evidenciado ter sido preparado na graduação para tal.

A décima sexta afirmativa coloca que “trabalho a sexualidade na minha prática docente sempre que surge a demanda”, **20% afirmaram que sim**, verdadeiro e 80% que não, falso. Com isso, vê-se que apesar da evidência de 11 das 16 afirmativas terem um índice satisfatório de resposta corretas, evidencia uma falta de direcionamento de ações práticas efetivas. Ou seja, se há conhecimento da importância e da necessidade, mas não um elaboração de ações que venham dar suporte e preencher essa lacuna.

Das 16 alternativas propostas no Formulário de Registro de Informações sobre Sexualidade Infantil e Orientação Sexual, (FRISIOR), de forma adaptada ao objetivo do presente estudo, 11 alternativas tiveram índice satisfatório, com mais 50% das respostas. O



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

que evidencia, que apesar de apenas 01 docente ter participado ao longo de sua graduação de um preparo para trabalhar o tema sexualidade, a porcentagem indica que a grande maioria é esclarecida sobre o tema, o que sugere um preparo, mesmo que mínimo, diante do tema.

### **Conclusão.**

O índice satisfatório nas respostas dos professores, evidencia um conhecimento na aérea, porém destaca-se que não há uma pouca aplicabilidade desses saberes no cotidiano escolar, como aponta a resposta da última afirmativa. Destacou-se ainda que a partir dos dados expostos notou-se que apesar de os docentes terem uma formação profissional recente, apenas um profissional retratou ter em sua formação algum tipo de preparação para lidar o tema sexualidade no âmbito escolar.

Valendo salientar, que apesar do tema ter sido inserido nos Parâmetros Curriculares Nacionais para serem trabalhos como temas transversais, desde os anos 60, devido ao início dos movimentos sociais. Por suscitaram a relevância de discutir sobre a sexualidade no contexto escolar, em função de mudanças comportamentais dos jovens. Contudo, não houve a inserção de disciplinas específicas ou disciplinas que trouxessem a discussão da sexualidade na grade curricular. Apontando que possivelmente, a falta de suporte dos profissionais em trabalhar com o referido tema seja uma lacuna na própria formação profissional dos docentes.

Dessa forma, sugere-se que haja uma formação continuada para que essa lacuna seja preenchida, através de estratégias e ações que deem suporte para pratica em sala de aula. Ainda, vê-se a necessidade de maiores pesquisas relacionadas ao tema sexualidade e sua aplicabilidade no âmbito escolar.

### **Referências Bibliográficas**



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Abdo, C. H. N. Educação sexual. 2014. Disponível em: <

<http://www.cartanaescola.com.br/single/show/303> > Acesso em: 15.04.2015.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC / SEF, 1998.

FAVERO, C. O que é Sexualidade?. 2007. Disponível em:

<<http://www.infoescola.com/sexualidade/o-que-e-sexualidade/>>. Acesso em: 10 Abril 2015.

GALLACCI, F. Culto à erotização estimula sexualidade precoce e pedofilia. 2005. Disponível

em: < <http://www.aids.gov.br/noticia/culto-erotizacao-estimula-sexualidade-precoce-e-pedofilia> >. Acesso em: 18.04.2015.

GOMES, W. A., COSTA, M. C. C. SOBRINHO, C. L. N. S. CARLOS A. S. T. S.

BACELAR, E. B. B. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. **Jornal de Pediatria**. v. 78. n. 4. p. 301-308. Rio de Janeiro, 2002.

MENEZES, E. Educação sexual: “professor não é psicólogo”, 2001. Disponível em: <

<http://www.educabrasil.com.br/Eb/exe/texto.asp?id=456> > Acesso em: 20.03.2015.

NOGUEIRA, L. Sexualidade na Educação, direto ao ponto. As principais dúvidas sobre

Educação Sexual. Revista Nova Escola, 2014. Disponível em: <

<http://revistaescola.abril.com.br/blogs/educacao-sexual/2014/02/06/meus-alunos-perguntam-sobre-o-beijo-gay-na-tv-o-que-devo-dizer/> > Acesso em: 18.04.2015.

SAITO, M. I.; LEAL, M. M. Educação sexual na escolar. **Artigos originais**. *Pediatria*. v. 22.

n. 1. p.44-48. São Paulo, 2000.

SANTANA, V. C. BENEVENTO, C. T. O conceito de gênero e suas representações sociais.

EFDeportes.com, **Revista Digital**. Buenos Aires, Año 17, Nº 176, Enero de 2013. Disponível

em: < <http://www.efdeportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm> > Acesso em: 08.04.2015



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SALLA, L. F. QUINTANA, A. M. A sexualidade enquanto tema transversal: educadores e suas representações. **Revista Educação Especial**, n. 19, 2002.

SOUSA, L. B. FERNANDES, J. F. P. BARROSO, M. G. T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta Paul Enferm.** v.19. n. 4. P. 408 – 413. Fortaleza, 2006.